

**ENTRE O CREPÚSCULO E O DESPERTAR: O. G. REGO DE CARVALHO E  
OS DILEMAS DE UMA GERAÇÃO**

José Maria Vieira de Andrade  
Universidade Federal do Piauí  
[zemarvi@yahoo.com.br](mailto:zemarvi@yahoo.com.br)

O período compreendido entre o final dos anos quarenta e a o início da década de sessenta do século XX corresponde a um momento da história nacional fortemente marcado por significativas transformações culturais, em grande parte, impulsionadas pela crença de que o mundo precisava ser repensado nos mais diferentes campos da esfera social, de modo a incorporar as novas demandas trazidas pelo tempo de paz.

Nesse clima de euforia, a palavra “novo” passou a ser o principal aliado dos projetos culturais elaborados para o país, na época, usada não só para pleitear as iniciativas destinadas à construção de um “Novo Mundo”, quanto para dizer que tudo mais também deveria ser “novo”: bossa nova, cinema novo, nova capital, etc. No meio literário teresinense esse momento de euforia foi acompanhado da emergência de diversos grupos de jovens interessados em assumir a vanguarda do processo de transformação social através de uma intensa e diversificada atuação no meio intelectual da cidade.

O. G. Rego de Carvalho, Manuel Paulo Nunes e Hindemburgo Dobal foram alguns desses personagens que, ao lado de outros estudantes da capital, ensaiaram seus primeiros passos no mundo das letras e se empenharam em traduzir, através de seus escritos, as angústias de um tempo de transição e renovação<sup>1</sup>.

Alguns desses personagens eram homens vindos do seio de famílias tradicionais, emigrantes de outros municípios do estado, os quais logo cedo tiveram que abandonar a tranquilidade da cidade natal em busca de novas possibilidades na capital. Ante a sensação de deslumbramento diante dos encantos da nova cidade, esses jovens além de darem andamento as suas respectivas formação acadêmicas, vivenciaram outras intensas emoções, algumas delas escolhidas por eles como matéria-prima de seu fazer literário, a

exemplo do que ocorreu com Orlando Geraldo Rego de Carvalho, ao deixar Oeiras, sua cidade natal, em 1942.

Uma das principais marcas da atuação intelectual de O. G. Rego de Carvalho, bem como de parte de seus contemporâneos, no interior desse quadro, talvez tenha sido a de terem assumido um compromisso com o projeto literário idealizado naquele momento e ensaiado um processo de renovação da produção literária piauiense por meio de diversas iniciativas no campo intelectual, sintonizadas com os anseios de mudança e com os desejos de construção de uma nova sociedade, compartilhados pelos demais segmentos sociais da época.

Entretanto, uma análise mais precisa dos diversos registros dessa atuação, especialmente daqueles voltados diretamente para a contribuição dos principais líderes vanguardistas da geração, ajuda a descortinar o fato de que a movimentação cultural protagonizada por eles, ao menos em relação às propostas de inovação estética, não ocorreu de forma pacífica ou homogênea. Em vez disso, terminou concentrando em torno de si uma grande variedade de tensões, polêmicas e conflitos em torno do debate sobre que projeto modernista deveria orientar ou fundamentar o “novo espírito” a ser adotado por eles no campo literário.

Embora, por um lado, quase todos os integrantes das iniciativas criadas estivessem movidos pelo forte desejo de finalmente realizar um “Movimento Modernista” na cidade, por outro, não conseguiram chegar a um consenso sobre quais modelos estéticos deveriam orientar ou deveriam ser tomados como parâmetro para a renovação literária que pretendiam realizar.

Foi em meio a essas inquietações que esse grupo de jovens criou a revista literária *Caderno de Letras Meridiano*, iniciativa que deveria agregar correntes intelectuais de diferentes características, mas quase todas movidas pelo mesmo espírito e pelo mesmo desejo de mudança. Inspirados na movimentação ocorrida no campo literário brasileiro até então, a revista deveria funcionar como um espaço onde os “novos” de Teresina poderiam finalmente mostrar sua “bravura e fidelidade”<sup>2</sup> à literatura do estado.

Conforme atesta a lista dos autores que participaram do primeiro volume publicado, a revista contou, além da contribuição dos três idealizadores (O. G. Rego, Dobal e Paulo Nunes), com a colaboração de grande parte dos indivíduos do meio intelectual local, tais como Da Costa Andrade, com o soneto “Fria”, Clemente Fortes e José Virgílio da Rocha, com o artigo “Causalidade Social”, e Edson Regis, orientador

do *Correio das Artes* da Paraíba, com o poema “A todos os homens”. E para dar uma dimensão mais cosmopolita à publicação, foram veiculados também textos de T. S. Eliot e de John Steinbeck.

De modo geral, a criação da revista pode ser entendida como a busca por uma estética cultural que possibilitasse, no campo das letras, um lugar que em outra dimensão a cidade provinciana, em constante transformação, deveria alcançar em termos sociais. Não obstante, foi também uma iniciativa que concentrou em torno de si grande parte dos paradoxos enfrentados por aqueles indivíduos, conforme traduz as tensões presentes nos textos de autoria dos próprios organizadores, como é o caso dos experimentos e dos ensaios poéticos de H. Dobal e da crítica literária de Paulo Nunes.

Tendo em vista esses registros, enquanto para Dobal *o novo espírito* das letras se fazia pela busca de um poema capaz de expressar uma arte “universal”, Nunes aponta em uma direção aparentemente inversa, fazendo a exaltação de uma proposta fortemente ligada à necessidade de se expressarem as particularidades de cada região.

Os paradoxos do espírito modernista da geração do *Meridiano* estiveram presentes também no terceiro e último volume da revista, que no caso ficou sob a responsabilidade de O. G. Rego de Carvalho que, por sua vez, aproveitou a edição para fazer uma homenagem póstuma ao poeta amarantino Alberto da Costa e Silva, falecido naquele mesmo ano (1950). No editorial, o responsável pelo periódico ressaltou algumas das razões para aquela homenagem, e, entre os demais argumentos, dizia: “Falecido sobre outros céus, na grata evolução de um outro sonho errante, Da Costa e Silva tem agora, de rapazes do Piauí, esta homenagem.”<sup>3</sup> E logo adiante acrescentava:

Durante meses ausentes da cidade das letras, reaparece, à procura de um cantinho de estante, nossa pequena revista, com esta edição especialmente dedicada à divulgação da poesia nacional: Da Costa e Silva. Sensibilizados pelo acolhimento da crítica, que desde o primeiro número nos viu com simpatia, arrojamo-nos a um empreendimento de maior vulto, **para de todo não deixar esquecido** [grifo nosso] o grande e magoado cantor de Verônica. [...] Da Costa e Silva Morreu contudo no mais acabrunhador esquecimento, em meio às sombras de um mundo fantástico e irreal. Diante de tão inexplicável silêncio, quer “Meridiano” prestar um tributo de saudade e carinho àquele que, mesmo na adversidade, sempre trazia no coração o amor à sua terra [...].<sup>4</sup>

O *Meridiano*, assim, encerrava suas atividades. (...) De manifesto em favor de uma nova geração, a revista terminaria, paradoxalmente, servindo de espaço destinado a “salvar do esquecimento” um dos maiores nomes da geração anterior, um poeta acadêmico, um dos fundadores da Academia Piauiense de Letras, adepto de uma poesia

predominantemente parnasiana e simbolista, portanto, alguém que, em muitos aspectos, poderia ser considerado como sinônimo da anti-proposta inovadora do *Meridiano*.

Mas, a exemplo do que nos dizem os registros de Dobal e Nunes, nas edições anteriores, a fala de O. G. Rego, ao tentar justificar a homenagem feita ao poeta da geração anterior, argumentando principalmente que se tratava de um esforço para “de todo não deixar esquecido o grande cantor de Verônica”, traduz mais uma vez que, mesmo agonizando, o *Meridiano* mostrava-se ainda antenado com aquele mesmo espírito de tensão presente no discurso de seus contemporâneos: a busca por uma experiência distintiva de tempo e de espaço em meio ao transitório e ao fugidio. Por outro lado, serve para lembrar também que, conforme destaca Perrone-Moisés, “em todos os períodos de mutação, o que está morrendo é mais visível do que o que está despontando”<sup>5</sup>.

Enfim, encerrar o Caderno de Letras Meridiano com uma homenagem póstuma, talvez tenha sido a forma mais sintomática que os jovens daquela geração encontraram para traduzir a sensação de estarem experimentando um momento muito particular, marcado pelo drama de viver entre o “crepúsculo e o despertar”<sup>6</sup>; a sensação de, ao mesmo tempo, estarem assistindo ao fim de uma geração e a angústia frente ao compromisso de tentar descortinar uma nova experiência que pudesse preencher o vazio deixado pela geração do poeta amarantino.

Esse mesmo espírito paradoxal está presente na produção ficcional elaborada nesse período, cujo ponto máximo parece ter sido a trilogia ficcional de O. G. Rego de Carvalho. Essa trilogia está constituída, primeiramente, por *Ulisses entre o amor e a morte*, livro que narra, em primeira pessoa, alguns episódios da infância e da adolescência de *Ulisses*, personagem protagonista e narrador do romance, entre as cidades de Oeiras e Teresina. O texto foi escrito e publicado entre o final dos anos quarenta e os primeiros anos da década de 1950, mais precisamente quando O. G. Rego de Carvalho estava entre os dezenove e vinte e três anos de idade, vivendo o calor das agitações e transformações culturais que se processavam em Teresina na metade do século XX.

Portanto, trata-se de um texto que, em termos gerais, narra uma estória que guarda certas semelhanças com a própria trajetória pessoal vivenciada por O. G. Rego de Carvalho enquanto sujeito urbano, filho de outra cidade, mas obrigado a construir seu lar em um espaço mais promissor. Trata-se de um texto bastante significativo para pensarmos como o próprio escritor teria experimentado as transformações históricas

ocorridas no momento em que o texto foi escrito e publicado, sobretudo aqueles que sinalizam em direção à sensação de perdas vividas e/ou experienciadas por ele durante aquele período.

Uma das perdas de que essa ficção procura dar conta relaciona-se às próprias mudanças ocorridas no espaço urbano da cidade de Teresina, a qual, no início da década de cinquenta, foi palco de muitas alterações, e, aos olhos do escritor, não mais possuía a mesma atmosfera sentimental que, outrora, ele havia experimentado. O autor, portanto, tenta em *Ulisses entre o amor e a morte*, reencontrar, nas recordações de sua cidade natal, e de uma infância perdida, a Teresina de um outro tempo, que também sentia estar perdendo, mas, em contrapartida, esperava poder ainda alcançar através da ficção, sobretudo, por meio das imagens de uma cidade labiríntica, redescoberta pelo olhar de um sujeito que se faz novamente criança e adolescente.

Conforme podemos observar na própria configuração estrutural da narrativa, organizada em pequenos capítulos independentes (que não seguem uma seqüência rígida), O. G. Rego de Carvalho nega-se a pensar o espaço urbano como totalidade. Seu texto não descreve nem a população, nem a cidade<sup>7</sup>, ao contrário, dissolve uma na imagem da outra por meio de cortes seletivos, procurando flagrar analogias, convergências e divergências, incorporando diferenças e especificações imprevisíveis e espontâneas que marcam para o autor a identidade do espaço citadino.

De modo geral, a viagem tecida por *Ulisses entre o amor e a morte* não apresenta um final ou um desfecho conclusivo, ao contrário, permanece em aberto, como se procurasse deixar claro para o leitor que o texto faz parte de um projeto ainda inacabado, fruto de uma experiência inacabada da qual o seu autor, por sua vez, também faria parte.

Dissolvidas em uma narrativa constituída de fragmentos de uma vivência individual infato-juvenil, Oeiras e Teresina de outrora são nesse texto mais do que simples referências aos lugares por onde esteve o escritor alegorista. São signos portadores de um mistério, de um “segredo”, fazendo de *Ulisses entre o amor e a morte* “um canto”, um “palpitar macio de pétala ou de asa abandonada”, conforme atesta a epígrafe que antecede o enredo do livro e, de certo modo, também o sintetiza<sup>8</sup>.

Situação bem diferente se passou com os outros dois livros do autor, *Somos todos inocentes* e *Rio Subterrâneo*, ambos escritos no período em que O. G. Rego de Carvalho estava morando no Rio de Janeiro, para onde havia se transferido no final do ano de 1957. *Somos todos inocentes* narra a história de uma cidade dissolvida em torno

de um drama familiar e um conflito amoroso vivido entre jovens pertencentes a famílias tradicionais e rivais de Oeiras, nos idos de 1929. Por sua vez, *Rio subterrâneo*, o último livro de ficção escrito pelo autor, é um texto fortemente centrado no fluxo de consciência dos personagens, abordando algumas inquietações e conflitos existenciais a partir da experiência de três adolescentes – *Lucínio, Hermes e Helena* – que vão se alternando no protagonismo da história ao longo da narrativa.

À semelhança do que ocorreu com o primeiro livro, esses romances trazem também um questionamento acerca da ligação do homem com a sua origem perdida, porém, desta vez, retomada pelo escritor sob uma abordagem que, em grande parte, seguiu os desdobramentos da onda pessimista<sup>9</sup> que assolou a maioria das manifestações artísticas na década de 1960, no Brasil, e fez com que O. G. Rego de Carvalho mergulhasse cada vez mais no problema da subjetividade e seus conflitos.

Nesses livros, que sucederam à épica viagem de *Ulisses...*, a sensação de perda e vazio que preenche as narrativas de O. G. Rego de Carvalho não apenas permanece, como parece ter cada vez mais se agravado, conforme podemos verificar nas alegorias fantasmagóricas de *Rio subterrâneo*, ou nas ruínas de um mundo em “decadência” de *Somos todos inocentes*. Aqui, o autor diagnostica uma crise do indivíduo que se traduz numa falta de fé nas capacidades individuais de superação, ou mesmo numa descrença também nas possibilidades de transformação em nível coletivo, sobretudo, em *Rio subterrâneo*, uma espécie de texto síntese onde O. G. Rego tentou reunir em um único trabalho algumas idéias que outrora teria esboçado, separadamente, nos textos escritos até então.

Em um de seus depoimentos, ele afirma que a inspiração para escrever este romance nasceu ainda por volta de 1950, em um de seus passeios pelas margens do rio Parnaíba, na companhia de alguns amigos. “Às margens do rio, em uma quinta em Timon [cidade maranhense, localizada na outra margem do Rio], vendo passar o trem, eu disse: Escreverei um romance com este cenário”, porém, somente em 1962 é que teria encontrado “a motivação para escrever o livro tão sonhado”<sup>10</sup>.

Em termos gerais, o romance tem três cenários, compreendidos pelas cidades piauienses onde o autor viveu e também de Timon-MA, contudo, como nos outros textos, tudo parece girar em torno da cidade natal.

Embora tenha sido o último dos textos escritos por O. G. Rego de Carvalho, *Rio subterrâneo* guarda uma maior proximidade intertextual<sup>11</sup> com *Ulisses entre o amor e a morte* que *Somos todos inocentes*, especialmente em relação à épica travessia espaço-

temporal percorrida pelo autor e personagens entre imagens subjetivas das cidades de Oeiras e Teresina associadas ao lamento ou à busca em torno de uma origem perdida. Ao contrário do primeiro livro, entrecortado por imagens de “doçura e encantamento” frente ao objeto contemplado, este outro texto mergulha o leitor num universo perturbadoramente habitado por imagens e figuras fantasmagóricas. Nessa narrativa, o tom nostálgico com que *Ulisses* olhava a Teresina de outrora dá lugar a uma atmosfera predominantemente sombria, angustiada e desesperadora, despertando nos personagens uma sensação de esmagamento e fraqueza.

A narrativa é perpassada por um incessante vaivém no tempo e no espaço, entre Teresina e Oeiras, entre presença e ausência, entre o mutável e o permanente, caracterização que, tanto pelos aspectos estruturais quanto temáticos, fazem do livro como um todo um ponto de permanente tensão que emerge, sobretudo, do confronto entre um mundo inserido na temporalidade, sujeito à mutabilidade e à destruição, e a busca pela constituição de um espaço ideal, livre da matéria e associado à eternidade.

Assim, mais do que descrever ou reconstruir uma fisionomia fantasmagórica para Teresina ou Oeiras, O. G. Rego de Carvalho tece em *Rio Subterrâneo* uma cartografia da(s) cidade(s) a partir dos conflitos vivenciados pelos seus personagens, seja no convívio social com amigos, seja no âmbito familiar. A existência das personagens do livro é marcada de inquietudes e por uma busca cujo objetivo, na maioria das vezes, é inconsciente. Trata-se de jovens presos à uma realidade fantasmagórica e esmagadora, mas, igualmente, diante de momentos iluminados, carregados de uma obscura ligação com os primórdios; portadores de uma verdade cujo sentido pleno parece sutilmente escapar. Tem-se aí uma experiência efêmera que, pela incapacidade de interpretá-la, provoca nesses indivíduos o ressentimento, a saudade e a culpa.

É desse modo que se encontra *Lucínio* – apontado por alguns como o protagonista do romance –, que mora em um sítio localizado em Timon, dividido entre a angústia de ver o pai doente, definhando aos poucos num quarto isolado da casa, privado do contato com a família, e a obrigação de, cotidianamente, ter de fazer a travessia do rio em direção à Teresina.

Nessa tarde escura, cor de cinza, a atmosfera parecia fechar-se, impregnando-lhe os sentimentos, já desolados, dos tons soturnos da natureza. O vento gelado feria-lhe o rosto, zunindo nos coqueirais e vergando as mangueiras pendentes de frutos. O céu enegrecido por densas nuvens prenunciava desespero: o pai aos gritos, a mãe querendo acalmá-lo em vão, e ele

impotente diante dessa tortura, a reprimir a dor em silêncio. “Basta de chuva”<sup>12</sup>.

...

Um trovão irado rebentou no horizonte. Apenas aí compreendeu Lucínio que a chuva não cessaria logo. Todo o céu estava envolta de nuvens cinzentas e fecundas, prontas a despejar. Nenhuma estrela; nenhuma esperança. Só a noite impenetrável e densa. Figuras sóbrias ao lado – espectros, de galhos e folhas e frutos agitando-se no espesso véu das águas. Um pensamento escapou-lhe do fundo da memória: a vigília. Assustadora, a certeza de que aquela porta nunca se abriria, enquanto o pai estivesse doente.

...

Lucínio detém-se à porta do quarto, ébrio pela magia das sombras que envolvem. Ruídos estranhos dominam a noite: chuva no telhado, biqueiras caindo na pedra, fora das latas; ressonâncias de folhas que se agitam, de porcos que grunhem, pios de aves agourentas, soluços perdidos (quem chorar?); cabeças-de-cuia que gemem à flor das águas inquietas – assombrações do rio. Cores nostálgicas adormecem a retina, e se acinzentam, e logo se embranquecem como o gelo, dando-lhe sentimentos frios, de solidão e esquecimentos<sup>13</sup>.

Embora tenham sido escritos em situações diferenciadas, esses três textos ficcionais possuem vários elementos em comum que, de modo particular, ajudam igualmente a tecer um panorama dos principais dilemas enfrentados pelo autor naquela época, sobretudo com relação ao tipo de experiência intelectual que pretendia realizar, além de demonstrarem uma insistente preocupação do autor com as cidades piauienses onde viveu, Oeiras e Teresina, escolhidas por ele enquanto pretexto para falar das experiências e vivências de seus personagens.

Em uma entrevista concedida a Pompílio Santos<sup>14</sup>, O. G. Rego de Carvalho ressalta que tanto *Ulisses entre o amor e a morte* como *Somos todos inocentes e Rio Subterrâneo*, constituem sua “autobiografia espiritual”, ou seja, “refletem” seus sentimentos e idéias de quando os escreveu. Em todos eles, afirma o literato, “paira uma sombra de melancolia, em grau maior ou menor”<sup>15</sup>. Mas essa sombra melancólica não apontaria apenas em direção a um estado patológico. Conforme ressaltou o próprio escritor, ela diz respeito a uma condição espiritual, uma angústia em relação ao tempo, a uma dada época, na qual não se depositam mais esperanças, enfim, à condição humana de um indivíduo dividido entre o passado e o futuro<sup>16</sup>.

Aquilo que O. G. Rego classifica como uma “sombra melancólica”, ao longo das suas narrativas ficcionais constitui a configuração de um olhar alegórico por meio do qual o escritor pensa o seu mundo, utilizando como principal argamassa desse pensamento o seu próprio fazer literário. Esse olhar se traduz numa mistura de “luto e jogo”, na tentativa de desvelar a dialética imanente de um período dividido “entre nostalgias de certezas desaparecidas e a leveza trágica do herói nietzschiano”<sup>17</sup>, que



teria de enfrentar a dura missão de ser, a um só e mesmo tempo, destrutivamente criativo e criativamente destrutivo<sup>18</sup>.

## Notas:

---

<sup>1</sup> Parte dessa mobilização se deu ainda no final dos anos quarenta e se prolongou por quase toda a década de 1950, dando origem não só à formação de diversas entidades representativas quanto de acirrados debates na imprensa local.

<sup>2</sup> A Vez do Piauí. *Jornal O Piauí*, Teresina, p.3, 29 de dezembro de 1949.

<sup>3</sup> CARVALHO, O. G. Rego de. In: *Caderno de Letras Meridiano*. Teresina, v.3, 1950, p.3.

<sup>4</sup> Id. *Ibidem.*, p.5.

<sup>5</sup> PERRONE-MOISÉS, Leyla. A modernidade em ruínas. In: \_\_\_\_\_. *Altas Literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.207.

<sup>6</sup> PAZ, Otávio. Rupturas e convergências. In: \_\_\_\_\_. *A outra voz*. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Ed. Siciliano, 1993, p.53.

<sup>7</sup> BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: \_\_\_\_\_. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989, p.116.

<sup>8</sup> Um pequeno fragmento extraído de um soneto de H. Dobal, intitulado *os amantes*.

<sup>9</sup> Decorrente, especialmente, da crise das perspectivas de progresso humano advinda da década anterior, conforme foi comentado no primeiro capítulo. Sobre a crise pessimista da arte nos anos sessenta cf.: SILVA, SILVA, Jaison. *Urbes Negra: melancolia e representação urbana em Noite Vazia* (1964), de Walter Hugo Khouri. 2007, 191fs. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Teresina, 2007.

<sup>10</sup> CARVALHO, O. G. Rego de. Somos todos inocentes. Entrevista concedida a Tarciso Prado. In: KRUEL, *Op. cit.*, p.303.

<sup>11</sup> Conforme a leitura intertextual proposta por Maria Gomes Figueiredo dos Reis, *Ulisses entre o amor e a morte* e *Somos todos inocentes* podem ser considerados como capítulos, fragmentos, histórias que se enxertam, se reencontram, se complementam em *Rio subterrâneo*. FIGUEIREDO, Maria G. F. dos. *Rio subterrâneo: estrutura e intertextualidade*. EDUFPI, 1995.

<sup>12</sup> CARVALHO, O. G. Rego de. *Ficção reunida*. Teresina: Corisco, 2003., p.239.

<sup>13</sup> Id. *Ibidem*. p.245.

<sup>14</sup> CARVALHO, O. G. Rego de. Romancista O. G. Rego de Carvalho. Entrevista concedida a Pompílio Santos. *Jornal o Estado*. Teresina, 21-22/12/1977. In: KRUEL, Kenard (Org.). *O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica*. Teresina: Zodíaco, 2007, p.315-317.

<sup>15</sup> CARVALHO, O. G. Rego de. *Ficção reunida...* p.315.

<sup>16</sup> Sobre a operacionalização do conceito de melancolia enquanto uma variável importante para a compreensão das mudanças culturais ocorridas no Brasil, ver: SILVA, Jaison. *Urbes Negra: melancolia e representação urbana em Noite Vazia* (1964), de Walter Hugo Khouri. 2007, 191fs. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Teresina, 2007, p.15-6.

<sup>17</sup> GAGNEBIM, Jeanne Marie. Alegoria, Morte, Modernidade. In: \_\_\_\_\_. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1999, p.38.

<sup>18</sup> Sobre a imagem nietzschiana da destruição criativa e da criação destrutiva, cf.: HARVEY, David. *Modernidade e Modernismo*. In: \_\_\_\_\_. *A condição pós-moderna: um estudo sobre a origem da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1992; NIETZSCHE, Frederic. *Para além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Trad. Paulo Cesar de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

## Referências bibliográficas:

A Vez do Piauí. *Jornal O Piauí*, Teresina, p.3, 29 de dezembro de 1949.

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: \_\_\_\_\_. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989, p.116.

---

CARVALHO, O. G. Rego de. In: *Caderno de Letras Meridiano*. Teresina, v.3, 1950, p.3.

\_\_\_\_\_. *Ficção reunida*. Teresina: Corisco, 2003.

\_\_\_\_\_. Romancista O. G. Rego de Carvalho. Entrevista concedida a Pompílio Santos. *Jornal o Estado*. Teresina, 21-22/12/1977. In: KRUEL, Kenard (Org.). *O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica*. Teresina: Zodíaco, 2007, p.315-317.

\_\_\_\_\_. Somos todos inocentes. Entrevista concedida a Tarciso Prado. In: KRUEL, O. G. *O. G. Rego de Carvalho: fortuna crítica*. Teresina: Zodíaco, 2007, p.303.

FIGUEIREDO, Maria G. F. dos. *Rio subterrâneo: estrutura e intertextualidade*. EDUFPI, 1995.

GAGNEBIM, Jeanne Marie. Alegoria, Morte, Modernidade. In: \_\_\_\_\_. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1999, p.38.

HARVEY, David. Modernidade e Modernismo. In: \_\_\_\_\_. *A condição pós-moderna: um estudo sobre a origem da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1992.

NIETZSCHE, Frederic. *Para além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Trad. Paulo Cezar de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PAZ, Otávio. Rupturas e convergências. In: \_\_\_\_\_. *A outra voz*. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Ed. Siciliano, 1993, p.53.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. A modernidade em ruínas. In: \_\_\_\_\_. *Altas Literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.207.

SILVA, Jaison. *Urbes Negra: melancolia e representação urbana em Noite Vazia (1964), de Walter Hugo Khouri*. 2007, 191fs. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Teresina, 2007.